

# Uma passagem marcante em *A hora da estrela* e em seus textos de chegada para o inglês

## A remarkable passage in *A hora da estrela* and in its target texts into English

Roberta Rego Rodrigues\*

---

**RESUMO:** Este artigo trata de uma análise estilístico-tradutória baseada em *corpus* de um diálogo em *A hora da estrela* (LISPECTOR, 1999) e o diálogo correspondente em seus textos de chegada para o inglês de Giovanni Pontiero (LISPECTOR, 1992) e de Benjamin Moser (LISPECTOR, 2011). Tem por objetivo conjecturar mediante a investigação da estrutura temática (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014) traços estilísticos e prototípicos desse tipo de texto. Os Temas foram identificados e classificados manualmente com anotação de *corpus* (HUNSTON, 2002). Pode-se concluir que o diálogo apresenta recorrentemente Temas Não Marcados; Temas Múltiplos, dos quais fazem parte os Temas Interpessoais; e Temas Ideacionais Participantes Elípticos e Temas Ideacionais Elípticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estilística Tradutória baseada em *corpus*. Estrutura Temática. Diálogo.

---

**ABSTRACT:** This paper reports on a corpus-based translational stylistic analysis of a dialogue in *A hora da estrela* (Lispector, 1999) and the corresponding dialogue in its target texts into English by Giovanni Pontiero (Lispector, 1992) and Benjamin Moser (Lispector, 2011). It aims to conjecture through the investigation of thematic structure (Halliday & Matthiessen, 2014) prototypical and stylistic features of this text type. Themes were identified and classified manually with corpus annotation (Hunston, 2002). It can be concluded that the dialogue recurrently presents Non-marked Themes; Multiple Themes, including Interpersonal Themes; and Elliptical Participant Ideational Themes and Elliptical Ideational Themes.

**KEYWORDS:** Corpus-based Translational Stylistics. Thematic Structure. Dialogue.

---

### 1. Introdução

A análise linguística de textos literários em relação de tradução é chamada “Estilística Tradutória” (MALMKJÆR, 2004). O(A) pesquisador(a) vinculado(a) aos Estudos da Tradução apresenta uma miríade de opções no que tange à utilização de teorias linguísticas e de textos literários (os textos de partida e seus respectivos textos de chegada). No caso deste trabalho, usam-se a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, 2014) e a Linguística de *Corpus* (HUNSTON, 2002) que se mostram bastante produtivas em termos de análises textuais.

---

\* Mestre e Doutora em Linguística Aplicada com pesquisas direcionadas aos estudos da tradução pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora de tradução nos pares linguísticos inglês/português/inglês do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas.

Este artigo trata da análise estilística baseada em *corpus* de um diálogo em *A hora da estrela* de Clarice Lispector (1999) e de suas traduções para a língua inglesa de Giovanni Pontiero (LISPECTOR, 1992) e de Benjamin Moser (LISPECTOR, 2011). Tem por objetivo principal conjecturar mediante a investigação da estrutura temática traços prototípicos e estilísticos desse tipo de texto.

As indagações de pesquisa são as que seguem.

- 1) Como a estrutura temática se manifesta nos textos em relação de tradução mencionados?
- 2) O que a estrutura temática pode apontar em relação às características prototípicas e estilísticas do tipo de texto em português e em inglês?

Justifica-se este estudo visto que faz uso de textos no par linguístico português/inglês que consistem em instâncias genuínas da língua em uso (ou da linguagem). Ademais, a investigação proposta utiliza o conceito de Tema e Rema que se torna fundamental para uma compreensão substancial de como as mensagens são veiculadas nos textos. Além disso, pode apontar não somente traços estilísticos da escritora bem como dos tradutores também.

Além desta introdução, há a seção da Revisão da Literatura, que diz respeito às teorias utilizadas neste artigo; da Metodologia, que se relaciona aos procedimentos realizados na coleta de dados; dos Resultados, que discute e analisa os dados coletados; e, finalmente, das Considerações Finais, que tenciona expor conclusões que não sejam generalistas.

Em seguida, trato da seção “Revisão da Literatura”.

## **2. Revisão da Literatura**

### **2.1 A Estilística**

Muitos autores concordam entre si que a Estilística pode ser definida como uma investigação linguística de textos literários, apesar de Henriques (2011) considerar que tais textos não sejam os únicos a serem objetos da Estilística.

Halliday (1964) determina a Estilística como sendo Linguística. Este autor defende que um dos papéis do linguista jaz na descrição de textos, seja de qual tipo for. Halliday (1964) anuncia que a Estilística Linguística é um estudo comparado, o qual leva em conta a comparação de diversos tipos de textos literários de um único autor ou de vários autores. Este

autor acredita que o significado do texto literário, como de qualquer outro tipo de texto, está atrelado à ampla gama de usos da linguagem.

Hasan (1989) afirma que somente definir a linguagem da literatura como sendo sublime, criativa, emocionalmente instrutiva, mimética não é algo exatamente revelador. A fim de evitar análises impressionistas, a autora propõe um modelo linguístico que seja aplicável como ponto de partida para investigar textos de literatura (HASAN, 1989). O modelo “Arte verbal e Linguagem” (HASAN, 1989) é tripartite, compondo-se pela verbalização, pela articulação simbólica e pelo Tema (Grosso modo, o “assunto” de que trata o texto de literatura.). Segundo Hasan (1989), a verbalização e o Tema coordenam-se entre si por meio da articulação simbólica, que é um estrato análogo àquele da léxico-gramática no sistema semiótico da linguagem humana. Este estrato compreende o sistema de signos responsáveis pela construção dos significados do estrato mais alto, ou seja, o Tema (HASAN, 1989). De acordo com Hasan (1989), no estrato de articulação simbólica, os significados da linguagem transformam-se em signos que apresentam um significado mais profundo. Com a proposta desse modelo, Hasan (1989) amplia as noções da Estilística Linguística.

Conforme Simpson (2004), o propósito da Estilística é compreender a linguagem, principalmente a criatividade no uso desta última. Nos moldes de Hasan (1989), o autor afirma que o resultado da investigação de textos literários sob o viés da Estilística não deve se constituir em análises impressionistas, uma vez que a análise estilística deve levar em consideração o rigor, os critérios e o fato de poder ser replicada. Ademais, Simpson (2004) esclarece que há diversos métodos para abordar a Estilística, podendo esses atingir vários níveis da linguagem, isto é, da Fonologia à Análise do Discurso. Para a Estilística, o autor considera relevante a investigação do ponto de vista das personagens, da apresentação do discurso, dos diálogos em textos dramáticos, das metáforas e das metonímias, além de expor o estilo como escolha, que pode ser investigado mediante o componente experiencial da metafunção ideacional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Em seguida, exponho a subseção “Estilística Tradutória baseada em corpus” para dar continuidade à seção “Revisão da Literatura”.

## **2.2 A Estilística Tradutória baseada em corpus**

A Estilística Tradutória (Cf. MALMKJÆR, 2004) pode ser definida como a investigação linguística de textos literários em relação de tradução. Malmkjær (2004) identifica

quatro parâmetros que respaldam a análise estilística de textos de chegada concomitantemente com o(s) texto(s) de partida, quais sejam, 1) a interpretação do mediador do texto de partida afeta o texto a ser mediado; 2) há sempre um propósito na mediação através de textos de chegada; 3) o propósito do texto de partida e o propósito do texto de chegada podem ser distintos; 4) o público-alvo do texto de partida quase sempre difere do público-alvo do texto de chegada. A autora busca evidências textuais que possam sustentar estes parâmetros, seja mediante uma leitura orientada ao escritor, seja por meio de uma interpretação orientada ao leitor.

Pantopoulos (2012) aplica a Estilística Tradutória baseada em corpus em duas traduções de alguns poemas de Cavafy para o inglês, ao fazer um levantamento estatístico de palavras. O autor enfoca as palavras de conteúdo em detrimento das palavras funcionais. Pantopoulos (2012) informa que a dupla de tradutores de um dos textos de chegada, Keeley e Sherrad, em seu texto perigráfico, comenta a decisão tradutória de repetir itens lexicais assim como o poeta, enquanto que o outro tradutor, Dalven, mostra-se menos específico ao relatar sua descrição das suas tomadas de decisão. Isso, conforme o autor, dá indício das escolhas estilísticas de cada tradutor.

Magalhães, Castro e Montenegro (2013) analisam o estilo de dois textos traduzidos [um para o português do Brasil (de Cyrino) e o outro para o português europeu (de Brito e Cunha)], comparando-os ao original *Heart of Darkness*, obra literária de Joseph Conrad. Assim como Pantopoulos (2012), as autoras empreendem um estudo da Estilística Tradutória baseada em corpus. No entanto, fazem o uso da noção de frequência de palavras e do conceito de proeminência motivada propostos por Stubbs (2003, 2005, *apud* MAGALHÃES, CASTRO e MONTENEGRO, 2013). Apesar de esta investigação ter seu escopo limitado em função de restrições a consultas a corpora de referência, as autoras constataam que ainda assim foi possível observar nas traduções diferenças robustas de ordem estilística.

Apesar de Munday (2009) também utilizar alguns recursos da Linguística de Corpus para investigar textos literários latino-americanos traduzidos para o inglês, o autor enfoca a Estilística Tradutória sob o viés ideológico. Munday (2009) tem por objetivo pesquisar, por exemplo, as noções de “autor”, “autor implícito”, “tradutor” e “tradutor implícito”, com base em relatos de tradutores renomados (por exemplo, Gregory Rabassa) de ficção hispânica, que se constituem como muitas “vozes” dos autores de língua espanhola, sejam eles implícitos ou não.

A seguir, mostro alguns fundamentos da Linguística Sistêmico-Funcional, enfocando a metafunção textual.

### **2.3 A metafunção textual da Linguística Sistêmico-Funcional**

A Gramática Sistêmico-Funcional constitui-se em um instrumento semântico de uma teoria que privilegia a língua em uso (ou a linguagem). Tal teoria denomina-se Linguística Sistêmico-Funcional, cujos fundamentos foram e ainda são desenvolvidos por M. A. K. Halliday e alguns seguidores. Segundo Rodrigues-Júnior (2006), Halliday foi influenciado por outros teóricos, a saber, Firth, Malinowski e Whorf, dos quais assimilou o conceito de sistema (Firth); o impacto dos fatores sociais e culturais nas comunidades discursivas (Malinowski); e a necessidade de haver uma gramática para compreender os níveis sociais mais abrangentes (Whorf). A Linguística Sistêmico-Funcional contempla o eixo sintagmático e o eixo paradigmático, assim como Saussure (1977), considerando que o primeiro eixo relaciona-se à estrutura da língua e que o segundo eixo diz respeito ao sistema linguístico (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). Conforme Halliday e Matthiessen (2014), tais eixos “realizam-se” por meio dos modos de expressão (fonética e fonologia), de conteúdo (léxico-gramática e semântica) e do contexto, sendo instanciados mediante os textos.

Levando em consideração as funções da linguagem postuladas por Bühler (1934 *apud* NEWMARK, 1995) e Jakobson (2005), a Linguística Sistêmico-Funcional, por ser uma teoria funcionalista, postula funções, denominadas mais especificamente como “metafunções” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Estes autores designam as metafunções como ideacional, interpessoal e textual. Ravelli (2000) define a metafunção ideacional como sendo aquela que trata do que está acontecendo no mundo, do que é representado. Baseando-se em Halliday, a autora informa que a metafunção ideacional apresenta dois componentes, quais sejam, o experiencial (Processos, Participantes e Circunstâncias) e o lógico (Complexos Oracionais). Ravelli (2000) também define a metafunção interpessoal que diz respeito a que tipo de relação está sendo construída entre os falantes através da linguagem. Com base em Halliday, a autora afirma que o Modo Oracional (Sujeito Gramatical + Finito) e a Modalidade (realizada por meio da Modalização e da Modulação) consistem em noções relevantes para esta metafunção. Ravelli (2000) ainda define a metafunção textual, que se relaciona a como organizamos e o que destacamos ou não nas nossas mensagens. Consoante Halliday e Matthiessen (2014), o Tema, ponto de partida da mensagem, constitui-se em um conceito

central para esta metafunção, levando em conta que o mapeamento dos Temas em um dado texto é denominado como estrutura temática. Segundo os autores, o Rema é a parte remanescente da mensagem que se segue ao Tema. Thompson (2004) afirma que os Temas podem ser simples ou múltiplos; ideacionais (podendo estar elípticos), interpessoais e/ou textuais; marcados ou não marcados; e podem apresentar casos especiais, sendo realizados como equativos, predicados, prepostos ou atributivos prepostos. Como pode-se perceber, não é somente o grupo nominal que desempenha o papel de Tema (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014).

A seguir, mostro um exemplo retirado e traduzido de Halliday e Matthiessen (2014, p. 90). Os Temas encontram-se em itálico.

*O duque* deu à minha tia aquele bule de chá.

À *minha tia*, foi dado aquele bule de chá pelo duque.

*Aquele bule de chá*, o duque deu à minha tia.<sup>1</sup>

Todas as três orações realizam Temas Ideacionais Participantes Simples (“O duque”; “À minha tia” e “Aquele bule de chá”, respectivamente). No entanto, há diferenças entre elas. A primeira oração e a terceira oração estão na voz ativa ao passo que a segunda oração está na voz passiva. Isso tem impacto na estrutura temática em função da obediência ou não do padrão Sujeito-Verbo-Objeto. Pelo fato de estar na voz passiva, a segunda oração realiza um Tema Marcado, uma vez que “À minha tia” não obedece esse padrão. Apesar de a terceira oração não estar na voz passiva, “Aquele bule de chá” constitui-se também em um Tema Marcado pelo mesmo motivo da oração anterior. É interessante observar como orações em voz ativa e em voz passiva podem apresentar Temas Marcados, quando não seguem o padrão Sujeito-Verbo-Objeto. Por fim, a primeira oração realiza um Tema Não Marcado, pois “O duque” realiza-se de tal maneira que esse padrão é obedecido. Além disso, os Remas dessas orações são, respectivamente, “deu à minha tia aquele bule de chá”; “foi dado aquele bule de chá pelo duque”; e “o duque deu à minha tia”.

A seguir, apresento a seção “Metodologia” deste artigo.

---

<sup>1</sup> Minha tradução de: “The duke has given my aunt that teapot. My aunt has been given that teapot by the duke. That teapot the duke has given to my aunt.”



### 3. Metodologia

O *corpus* constitui-se de um trecho da novela *A hora da estrela* (LISPECTOR, 1999, p. 66-68) e dos trechos correspondentes em suas duas traduções para o inglês (LISPECTOR, 1992, p. 66-68; LISPECTOR, 2011, p. 57-59). Os Temas (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014) dos diálogos presentes nesses trechos foram identificados e classificados manualmente com anotação de corpus (HUNSTON, 2002). Tal identificação e classificação manuais objetivaram à análise da estrutura temática, podendo assim contribuir com a investigação de tal estrutura nesse tipo de texto, como dito anteriormente.

A novela *A hora da estrela* foi primeiramente publicada em 1977, constituindo-se a última obra publicada em vida por Clarice Lispector (GUIDIN, 1994). Além de apontar a convergência entre escritora, narrador e protagonista nesta obra, Amorim (2008) assinala que a novela resulta de um momento epifânico por parte da(o) escritora/narrador, que culmina no processo de criação da escrita e de sua metarreflexão sobre ela. Pôrto e Ferro (2009) estão de acordo com Amorim (2008), quando afirmam que a novela “passa a ser lugar de reflexão sobre a criação literária e sobre a existência, levando-o [o leitor] a desenvolver sua consciência crítica” (PÔRTO e FERRO, 2009, p. 331). Ademais, Adami (2011) salienta a questão da pontuação em *A hora da Estrela*, que não é nada convencional. Isso pode demonstrar que a escrita clariceana na obra mencionada obedece a um certo compasso ritmado, pautado pelas escolhas léxico-gramaticais diferenciadas da escritora. Ainda no que tange à pontuação, segundo Adami (2011), parece que Pontiero a “domestica” (VENUTI, 2008) para o texto traduzido em inglês, tornando-a mais palatável ao público-alvo. No entanto, consoante Baubeta (1997), este tradutor não “coloniza” o texto de partida.

Pontiero (1992), tradutor do primeiro texto de chegada para o inglês da novela *A hora da estrela* (LISPECTOR, 1999), assinala que Macabéa, protagonista da obra, deu passos importantes para sua vida em dois momentos, a saber, quando foi ao médico e quando foi à cartomante. O trecho selecionado para este artigo corresponde aos diálogos durante sua ida ao médico. Além disso, Moser (2011), tradutor do segundo texto de chegada para o inglês da novela *A hora da estrela* (LISPECTOR, 1999), declara que o objetivo de Clarice Lispector, com o emprego de escolhas lexicais estranhas e sintaxe diferente, demonstrando um desinteresse com a gramática tradicional, era de encontrar significado, sem nunca descartá-lo. Este tradutor ainda declara que quem traduz Clarice Lispector deve resistir à tentação de “domesticar” (VENUTI, 2008) sua prosa.

Em seguida, exponho os Resultados deste artigo.

#### 4. Resultados

Nos termos de Simpson (2004), esta análise estilística tradutória baseada em corpus enquadra-se no nível da linguagem que se relaciona à maneira pela qual as palavras combinam umas com as outras para formar orações, pertencendo ao ramo de estudo denominado sintaxe. Cumpre salientar que tal análise apresenta também implicações de cunho semântico.

Mostro a seguir o QUADRO 1. As siglas TP, TC1 e TC2 correspondem, respectivamente, ao texto de partida em português; ao texto de chegada traduzido por Pontiero; e ao texto de chegada traduzido por Moser. Os Temas estão em itálico e quando estiverem elípticos, o símbolo Ø é utilizado.

QUADRO 1  
Primeira parte do diálogo entre Macabéa e o médico

TP	TC1	TC2
-- <i>Você</i> faz regime para emagrecer, menina? <i>Macabéa</i> não soube responder.	-- <i>Are you</i> dieting to lose weight, my girl? <i>Macabéa</i> didn't know how to reply.	-- <i>Are you</i> on a diet, my girl? <i>Macabéa</i> didn't know what to answer.
-- <i>O que</i> é que você come?	-- <i>What</i> do you eat?	-- <i>What</i> do you eat?
-- Ø Cachorro-quente.	-- Ø Hot dogs.	-- Ø Hot dogs.
-- Ø Só?	-- Ø Hot dogs.	-- Ø Just?
-- <i>Às vezes</i> Ø como sanduíche de mortadela.	-- <i>Is that</i> all? -- <i>Sometimes I</i> eat a mortadella sandwich.	-- <i>Sometimes I</i> have a bologna sandwich.
-- <i>Que</i> é que você bebe? Ø Leite?	-- <i>What</i> do you drink? Ø Milk?	-- <i>What</i> do you drink? Ø Milk?
-- <i>Só</i> Ø café e refrigerante.	-- Ø Only coffee and soft drinks.	-- Ø Only coffee and soft drinks.
-- <i>Que refrigerante?</i> - <i>perguntou</i> ele sem saber o que falar. <i>À toa</i> indagou:	-- <i>What</i> do you mean by soft drinks? - <i>He</i> probed, not quite knowing how to proceed. <i>He</i> questioned her at random:	-- <i>What kind of soft drinks?</i> - <i>he</i> asked not knowing what to say. <i>He</i> randomly inquired:
-- <i>Você</i> às vezes tem crise de vômito?	-- <i>Do you</i> sometimes have fits of vomiting?	-- <i>Do you</i> ever fits of vomiting?
-- <i>Ah, Ø</i> nunca! - <i>exclamou</i> muito espantada, <i>pois Ø</i> não era doida de desperdiçar comida, <i>como eu</i> disse. (LISPECTOR, 1999, p. 66-67)	-- <i>Oh, Ø</i> never! - <i>she</i> exclaimed in a panic, <i>for she</i> was not a fool to go wasting food, <i>as I've</i> explained. (LISPECTOR, 1992, p. 66-67)	-- <i>Oh, Ø</i> never! - <i>she</i> exclaimed very shocked, <i>for she</i> wasn't fool enough to waste food, <i>as I</i> said. (LISPECTOR, 2011, p. 57-58)

Neste trecho do diálogo inicial entre Macabéa e o médico, grande parte dos Temas é não marcada nos três textos, pois seguem o padrão Sujeito-Verbo-Objeto e/ou são usuais na linguagem (THOMPSON, 2004).



Há realizações tanto de Temas Simples quanto de Múltiplos. O Tema Ideacional Participante “Macabéa” nos três textos é uma instância de Tema Simples, pois não é acompanhado nem por um Tema Interpessoal e nem por um Tema Textual (RAVELLI, 2000). No TP, os participantes “você”, além de serem Temas Ideacionais Participantes, podem ser considerados também Temas Interpessoais, pois realizam-se em orações interrogativas polares (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014), constituindo-se assim em Temas Múltiplos.

O Tema da oração *Are you dieting to lose weight, my girl?* no TC1 e o Tema da oração *Are you on diet, my girl?* no TC2 correspondem aos Processos *Are* que também apresentam força interpessoal, sendo considerados Temas Múltiplos também, assim como os elementos “O que” e *What*.

A segunda instância do Tema Ideacional Participante “você” do TP consiste em duas realizações de *Do you* nos textos de chegada respectivamente. *Do* é um Tema interpessoal, porque é finito indicador do tempo verbal *Present Simple* e *you* é um Tema Ideacional Participante, formando assim Temas Múltiplos.

Outros exemplos de Temas Múltiplos compostos por Temas Textuais e Temas Ideacionais Participantes Elípticos no TP são “Às vezes, como” e “pois não era”. Os pronomes pessoais “eu” e “ela” estão elípticos e são explicitados nos trechos correspondentes dos textos de chegada em inglês.

Há ainda incidências de Tema Ideacionais Elípticos que são recuperados no Tema da oração anterior como em “Leite?” (TP) e *Milk?* (TC1 e TC2), os quais poderiam ser retomados como: “Você bebe leite?” e “Do you drink milk?”. Estas orações também realizam Temas Interpessoais, uma vez que são interrogativas polares, como dito anteriormente.

A única realização de Tema Marcado neste trecho é uma circunstância, a saber, “À toa” no TP que é traduzida como *at random* e *randomly* do TC1 e do TC2, respectivamente, integrando os Remas destes textos. Isso pode indicar uma questão de pragmática vinculada ao sistema linguístico da língua inglesa, visto que ambos os tradutores optam por realizar um Tema originalmente marcado em forma remática.

Apresento a seguir o QUADRO 2. As siglas TP, TC1 e TC2 correspondem, respectivamente, ao texto de partida em português; ao texto de chegada traduzido por Pontiero; e ao texto de chegada traduzido por Moser, como já mencionado.

## QUADRO 2

Segunda parte do diálogo entre Macabéa e o médico

TP	TC1	TC2
<i>Ele</i> acrescentou irritado sem atinar com o porquê de sua súbita irritação e revolta: -- <i>Essa história de regime de cachorro-quente é pura neurose e o que está precisando é de procurar um psicanalista!</i> (LISPECTOR, 1999, p. 67)	<i>He</i> snapped at her without being able to account for his sudden outburst of annoyance and indignation: -- <i>This tale about a diet of hot dogs is pure neurosis. What you need is a psychiatrist!</i> (LISPECTOR, 1992, p. 67)	<i>He</i> added irritated without guessing the reason for his sudden irritation and disgust: -- <i>This whole thing about the hot dog diet is pure neuroses and what you need is to see a psychoanalyst!</i> (LISPECTOR, 2011, p. 58)

O QUADRO 2 traz realizações de Temas Não Marcados (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), indicando que as orações obedecem ao padrão Sujeito-Verbo-Objeto e/ou apresentam usualidade no que tange ao tipo dos Temas. Em grande parte os Temas Não Marcados são Ideacionais Participantes (Por exemplo, “Ele” no TP e *He* no TC1 e no TC2.). Há realizações de Temas Ideacionais Equativos nos três textos. São os seguintes: “o que você está precisando” no TP e *W(w)hat you need* no TC1 e no TC2, respectivamente. Segundo Halliday e Matthiessen (2014), os Temas Ideacionais Equativos estabelecem uma relação de identidade com seus respectivos Remas por meio de um Processo Relacional. No caso do QUADRO 2, os Processos Relacionais correspondem a “é” e *is*. E os Temas e Remas podem ser reversíveis, como no TC2, por exemplo, *What you need is a psychiatrist!* e *A psychiatrist is what you need!*

É interessante notar que Pontiero (TC1), ao não retextualizar o Tema Textual (“e” em “e o que está precisando é de procurar um psicanalista!”), opta por segmentar a sentença mediante um ponto final e introduz uma nova sentença com um Tema Simples, constituído somente pelo Tema Ideacional Equativo *What you need*. Consoante Adami (2011), isso poderia ser considerado um traço de “domesticação” (VENUTI, 2008) no TC1, conforme dito anteriormente. Em contrapartida, Moser (TC2) “reverencia” Lispector (1999) neste trecho, não promovendo mudanças, o que resulta em um Tema Múltiplo como no TP, composto por um Tema Textual *and* e pelo Tema Ideacional Equativo *what you need*, seguido do Rema *is to see a psychoanalyst!*.

Exponho a seguir o QUADRO 3. As siglas TP, TC1 e TC2 correspondem, respectivamente, ao texto de partida em português; ao texto de chegada traduzido por Pontiero; e ao texto de chegada traduzido por Moser, como dito anteriormente.

## QUADRO 3

## Terceira parte do diálogo entre Macabéa e o médico

TP	TC1	TC2
<p><i>Quando ele avisara que ia examiná-la ela disse:</i>  -- Ø Ouvi dizer que no médico se tira a roupa <i>mas eu</i> não tiro coisa nenhuma.  Ø Passara-a pelo raio X e Ø dissera:  -- <i>Você</i> está com começo de tuberculose pulmonar.  Ela não sabia <i>se isso</i> era coisa boa ou coisa ruim. <i>Bem, como era uma pessoa muito educada</i>, disse:  -- Ø Muito obrigada, sim?  O médico simplesmente se negou a ter piedade. E Ø acrescentou: <i>quando você não souber o que comer</i> faça um espaguete bem italiano.  E Ø acrescentou com um mínimo de bondade <i>a que</i> ele se permitia já que Ø se considerava também injustiçado pela sorte:  -- Ø Não é tão caro assim...  -- <i>Esse nome de comida</i> que o senhor falou <i>eu</i> nunca comi na vida. Ø É bom?  -- Claro que é! <i>Olhe só</i> a minha barriga! <i>Isso</i> é resultado de boas macarronadas e muita cerveja. <i>Dispense</i> a cerveja, <i>é melhor não</i> beber álcool. Ela repetiu cansada:  -- Ø Álcool?  -- Ø Sabe de uma coisa? <i>Vá</i> para os raios <i>que</i> te partam! (LISPECTOR, 1999, p. 68)</p>	<p><i>When the doctor told Macabéa</i> that he was about to give her a medical examination, <i>she</i> said:  -- <i>I've been told you</i> have to take your clothes off <i>when you</i> visit a doctor, <i>but I'm</i> not taking anything off.  He gave her an X-ray and Ø said:  -- <i>You're</i> in the early stages of pulmonary tuberculosis.  Macabéa didn't know <i>if this</i> was a good or a bad thing. <i>But being ever so polite</i> she simply said:  -- Ø Many thanks.  The doctor resisted any temptation to be compassionate. He advised her: <i>when you can't decide</i> what you should eat, <i>make yourself</i> a generous helping of Italian spaghetti.  With a mere hint of kindness in his voice, since he, too, had been treated unjustly by fate, he added:  -- <i>It doesn't cost</i> that much ...  -- <i>I've never heard</i> of the food you've just mentioned. <i>Is it</i> good?  -- <i>Of course, it is!</i> Just look at this paunch! <i>It comes</i> from eating big helpings of spaghetti and drinking lots of beer. <i>Forget</i> the beer. <i>You</i> had better avoid alcohol.  She repeated wearily:  -- Ø Alcohol?  -- <i>Shall I</i> tell you something? <i>I wish you'd</i> get the hell out of here! (LISPECTOR, 1992, p. 67-68)</p>	<p><i>When he'd said</i> he was going to examine her <i>she</i> said:  -- <i>I heard you</i> have to take your clothes off at the doctor's <i>but I'm</i> not taking off a thing.  He'd run her through the x-ray and Ø said:  -- <i>You're</i> in the early stages of pulmonary tuberculosis.  Macabéa didn't know <i>if this</i> was good or bad. <i>Anyway, since she was a very polite person</i>, she said:  -- Ø Thank you very much, okay?  The doctor simply refused to take pity. And Ø added: <i>when you don't know what to eat</i> make a nice Italian spaghetti.  And he added with the minimum of goodness he allowed himself <i>since he</i> also considered he'd been dealt with unkindly:  -- <i>It doesn't cost</i> that much...  -- <i>The name of the food</i> you said, sir, <i>I've never heard</i> of it. <i>Is it</i> good?  -- <i>Of course, it is!</i> Just look at this paunch! <i>That's</i> from big helpings of pasta and lots of beer. <i>Forget</i> the beer, <i>it's better not</i> to drink alcohol. She repeated wearily:  -- Ø Alcohol?  -- <i>You know what? Buzz off!</i> (LISPECTOR, 2011, p. 59)</p>

Diferentemente dos outros trechos do diálogo, o QUADRO 3 mostra mais ocorrências de Temas Marcados, realizados como Temas Ideacionais Oracionais e um Tema Ideacional Preposto.

Os Temas Ideacionais Oracionais são orações subordinadas, reduzidas ou não, que são realizadas no início da sentença. A título de exemplificação, tem-se o seguinte Tema Ideacional Oracional no TP, que forma um Tema Múltiplo com o Tema Textual, como se segue, “Bem, como era uma pessoa muito educada”. No TC1, este Tema Múltiplo é traduzido como *But being ever so polite* ao passo que no TC2 é traduzido como *Anyway, since she was a very polite person*. Além de traduções distintas para os Temas Textuais em cada texto de chegada, percebe-

se que Pontiero (TC1) opta por uma oração subordinada reduzida enquanto que Moser (TC2) escolhe uma oração subordinada com verbo conjugado assim como o TP. Isso pode demonstrar novamente a “reverência” de Moser (TC2) ao texto de partida bem como a escolha de Pontiero em não levantar dúvidas quanto à polidez de Macabéa, ao optar por uma oração subordinada reduzida em posição temática.

O outro Tema Marcado constitui-se em um Tema Ideacional Preposto. O Tema Ideacional Preposto Marcado (THOMPSON, 2004) manifesta-se no TC1, não se manifestando nem no TP e nem no TC2, nos quais encontra-se em posição remática. Trata-se de *With a mere hint of kindness in his voice*, no qual o pronome *his* é retomado por meio do pronome pessoal *he* no Rema da mesma sentença (Cf. QUADRO 3). Com esta escolha tradutória, parece que Pontiero tem por objetivo destacar os sentimentos do médico, ao se referir a ele em posição temática de forma marcada.

Conforme o QUADRO 3, há realização de um Tema Ideacional Predicado no TP, ou seja, “Esse nome de comida que”. Pontiero (TC1) opta por traduzi-lo no Rema ao passo que Moser (TC2) faz a opção por tematizá-lo, o que mais uma vez configura-se em uma “reverência” por parte deste tradutor ao texto de partida.

Além de Temas Ideacionais Elípticos, nos quais estão elididos partes maiores da sentença (Por exemplo, no TP, “Álcool?” e nos dois textos de chegada, *Alcohol?*, cujas orações também realizam Temas Interpessoais por serem interrogativas polares, como já mencionado.) e de Temas Ideacionais Participantes Elípticos, nos quais estão mais especificamente elididos os Sujeitos das orações, há ocorrências de Temas Ideacionais Comentários Não Marcados no TP que não são retextualizados nos textos de chegada. Em relação à oração “Claro que é” do TP, Pontiero (TC1) e Moser (TC2) optam por traduzir o Tema Ideacional Comentário “Claro” como o Tema Interpessoal *Of course*. Ademais, o Tema Ideacional Comentário “é melhor não” do TP é retextualizado pelo mesmo tipo de Tema por Moser (TC2) e por um Tema Ideacional Participante por Pontiero (TC2). Realmente, parece haver uma preocupação por parte de Moser em retextualizar de modo semelhante certas estruturas temáticas, o que pode demonstrar o interesse deste tradutor em “reverenciar” e em “estrangeirizar” (VENUTI, 2008) o TP para a língua inglesa. Deste modo, pode ser que algumas de suas escolhas soem um pouco estranhas para o público-alvo.

A seguir, apresento as Considerações Finais deste artigo.

## 5. Considerações Finais

Este artigo mostrou uma análise estilístico-tradutória baseada em *corpus* de um diálogo em *A hora da estrela* (LISPECTOR, 1999) e em suas traduções para o inglês (LISPECTOR, 1992, 2011), enfocando a estrutura temática (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014).

A estrutura temática manifesta-se de maneira diversificada nos textos (TP, TC1 e TC2). Há prevalência em ocorrências de Temas Não Marcados em detrimento dos Temas Marcados. Isso indica que os diálogos realizam-se com mais frequência mediante os primeiros tipos de Temas mencionados. Ademais, há ocorrências de Temas Ideacionais Participantes Elípticos e de Temas Ideacionais Elípticos, podendo apontar que os falantes envolvidos nestes tipos de diálogo elidem elementos linguísticos mais frequentemente. Além disso, há uma realização marcante de Temas Múltiplos, principalmente aqueles que reúnem Temas Ideacionais a Temas Interpessoais, resultantes de orações interrogativas polares, que parecem ser um traço prototípico de diálogos de ficção.

Por meio desta análise, pode-se perceber levemente o projeto tradutório de cada profissional que traduziu *A hora da estrela* (LISPECTOR, 1999) para o inglês. Pontiero (LISPECTOR, 1992) tende a tornar seu texto de chegada mais palatável ao público-alvo enquanto que Moser (LISPECTOR, 2011) parece tornar seu texto de chegada mais “estrangeiro” no olhar dos leitores de língua inglesa. O projeto tradutório de cada tradutor pode ser considerado “domesticador” e “estrangeirizador”, respectivamente, conforme Venuti (2008).

Certamente, tais afirmativas ganhariam uma sustentação mais consubstanciada através de uma investigação com corpora de diálogos. No entanto, apesar de serem inconclusivas, espero ter fornecido dados que apontem para pesquisas de maior escopo.

## Referências Bibliográficas

ADAMI, G. L. A hora da estrela e The hour of the star: análise de alguns aspectos da obra e seus desafios para a tradução. **Língua, Literatura e Ensino**, Campinas, v. 6, outubro/2011, p. 113-126.

AMORIM, C. A hora da estrela: a face onipresente da morte. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC**, 11, São Paulo, 2008. *Anais...* São Paulo: USP, 2008. p. 1-7.

BAUBETA, P. O. Another kind of comparativism: A hora da estrela and The hour of the star. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, nº 2, 1997. p. 249-283.

GUIDIN, M. L. **A hora da estrela**: roteiro de leitura. São Paulo: Ática, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. The linguistic study of literary texts. In: WEBSTER, J. J. (Ed.) **Linguistics studies of text and discourse**. London and New York: Continuum, 2006. Volume 2 in the collected works of M. A. K Halliday. p. 5-22. Paper first published in 1964.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar**. 3 ed. London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4 ed. London and New York: Routledge, 2014.

HASAN, R. **Linguistics, language and verbal art**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HENRIQUES, C. C. **Estilística e discurso**: estudos produtivos sobre texto e expressividade. Rio de Janeiro e São Paulo: Elsevier, 2011.

HUNSTON, S. **Corpora in applied linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9781139524773>

JAKOBSON, N. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2005.

LISPECTOR, C. **The hour of the star**. Trad. Giovanni Pontiero. New York: New Directions Book, 1992.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, C. **The hour of the star**. Trad. Benjamin Moser. New York: New Directions Book, 2011.

MAGALHÃES, C. M.; CASTRO, M. C.; MONTENEGRO, M. S. Estilística tradutória: um estudo de corpus paralelo de uma tradução brasileira e uma tradução portuguesa de Heart of Darkness. **TradTerm**, São Paulo, v. 21, julho/2013, p. 11-29.

MALMKJÆR, K. Translational Stylistics: Dulcken's translations of Hans Christian Andersen. **Language and Literature**, London, v. 13 (1), 2004, p. 13-24. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1177/0963947004039484>

MOSER, B. Afterword. In: LISPECTOR, Clarice. **The hour of the star**. New York: New Directions Book, 2011.

MUNDAY, J. **Style and ideology in translation**: Latin American writing in English. London and New York: Routledge, 2009.

NEWMARK, P. **A textbook of translation**. New York: Phoenix Elt., 1995.



PANTOPOULOS, I. Two different faces of Cavafy in English: A corpus-assisted approach to Translational Stylistics. **IJES**, Murcia, v. 12 (2), 2012, p. 93-110.

PONTIERO, G. Afterword. In: LISPECTOR, Clarice. **The hour of the star**. New York: New Directions Book, 1992.

PÔRTO, L. V.; FERRO, L. C. A escrita de si ou uma análise metaficcional de A hora da estrela. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, 2009, p. 330-340.

RAVELLI, L. Getting started with functional analysis of texts. In: UNSWORTH, L. **Researching language in schools and communities: Functional Linguistics Perspectives**. Londres: Cassell, 2000, p. 27-64.

RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. Abordagens discursivas dos Estudos da Tradução. **Polissema**, (6), 2006, p. 38-60.

SAUSSURE, F. **Course in general linguistics**. Glasgow: Fontana, 1977.

SIMPSON, P. **Stylistics: a resource book for students**. London and New York: Routledge, 2004.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. London: Arnold, 2004.

VENUTI, L. **The translator's invisibility: a history of translation**. 2 ed. London and New York: Routledge, 2008.

Artigo recebido em: 21.11.2014

Artigo aprovado em: 21.12.2014